

**O ESTUDO DE INTERLÍNGUA NA APRENDIZAGEM DO FRANCÊS LÍNGUA
ESTRANGEIRA NA ESCOLA SECUNDÁRIA DE LHANGUENE EM MAPUTO**

THE STUDY OF INTERLINGUA IN THE LEARNING OF FRENCH AS A FOREIGN
LANGUAGE AT LHANGUENE SECONDARY SCHOOL IN MAPUTO

EL ESTUDIO DE LA INTERLENGUA EN EL APRENDIZAJE DEL FRANCÉS COMO
LENGUA EXTRANJERA EN LA ESCOLA SECUNDÁRIA DE LHANGUENE DE
MAPUTO

Jamila Rahima Nhaca¹ 0009-0001-3496-2748

¹Universidade Eduardo Mondlane de Maputo – Maputo, Moçambique;
Jamilarahima7@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo surge no estudo sobre a ocorrência da interlíngua na aprendizagem do Francês língua estrangeira (F.L.E), por aprendentes moçambicanos que têm a língua portuguesa como língua materna (LM) ou língua segunda (L2). O objectivo deste estudo é descrever as ocorrências das transferências negativas de hábitos de língua materna (LM) e ou da língua segunda (L2), que estão na origem das interferências linguísticas negativas verificadas na interlíngua dos aprendentes. Baseados em algumas abordagens sobre os paradigmas comunicativo e cognitivo, verificamos que a competência comunicativa dos aprendentes precisa de ser analisada, não apenas no aspecto gramatical, mas também na eficácia da comunicação dos aprendentes e da forma como eles usam a língua ao interagir. Por outro lado, o paradigma cognitivo é outro aspecto importante por considerar, pois este centraliza-se nos processos cognitivos de aprendizagem, sendo a atenção, a memória a transferência de conhecimento, etc. Baseados nestes dois paradigmas iremos desenvolver o nosso estudo em relação a problemática da interlíngua na primeira fase de aprendizagem do Francês, língua estrangeira (FLE). Como é sabido, num primeiro estágio de aprendizagem de línguas, a competência comunicativa é sublinhada como base para a aquisição de uma língua, e também a atenção e a memória do aprendente jogam um papel primordial na aprendizagem. Como metodologia, aplicamos para o estudo a análise das redacções escritas por aprendentes numa situação etnográfica de sala de aulas. Os aprendentes geralmente passam por uma série de estágios à medida que adquirem proficiência, sendo esta uma fase importante de desenvolvimento do aprendiz. Erros da interlíngua verificados não são propositados, mas representam tentativas de comunicação por parte de quem aprende.

Palavras-Chave: interlíngua; transferências; interferências linguísticas; erro na aprendizagem de LE.

ABSTRACT:

This article emerges from the study on the occurrence of interlanguage in the learning of French as a foreign language (FLE) by Mozambican learners who have Portuguese as their mother tongue (L1) or second language (L2). The aim of this study is to describe occurrences of negative transfer

from mother tongue (L1) or second language (L2) habits, which are the source of negative linguistic interferences observed in the learners' interlanguage. Drawing from some approaches to communicative and cognitive paradigms, we find that learners' communicative competence needs to be analyzed not only in terms of grammar but also in terms of the effectiveness of learners' communication and how they use the language in interaction. On the other hand, the cognitive paradigm is another important aspect to consider, as it focuses on the cognitive learning processes, such as attention, memory, knowledge transfer, etc. Based on these two paradigms, we will develop our study regarding the issue of interlanguage in the initial phase of French foreign language (FLE) learning. As is known, in the initial stages of language learning, communicative competence is emphasized as the basis for language acquisition, and learners' attention and memory also play a crucial role in learning. As methodology, we apply the analysis of compositions written by learners in an ethnographic classroom situation for the study. Learners typically go through a series of stages as they acquire proficiency, with this being an important phase of learning development. Errors in interlanguage observed are not intentional but represent attempts at communication by learners.

Key words: interlanguage; transfer; linguistic interference; error in FL learning.

RESUMEN:

Este artículo surge del estudio de la aparición de la interlengua en el aprendizaje del francés como lengua extranjera (F.L.E), por parte de estudiantes mozambiqueños que tienen el portugués como lengua materna (ML) o segunda lengua (L2). El objetivo de este estudio es describir las ocurrencias de transferencias negativas de hábitos de la lengua materna (LM) y/o de la segunda lengua (L2), que están en el origen de las interferencias lingüísticas negativas observadas en la interlengua de los estudiantes. Con base en algunos enfoques de los paradigmas comunicativo y cognitivo, encontramos que es necesario analizar la competencia comunicativa de los estudiantes, no sólo en términos de gramática, sino también la efectividad de la comunicación de los estudiantes y la forma en que usan el idioma cuando interactúan. Por otro lado, el paradigma cognitivo es otro aspecto importante a considerar, ya que se centra en los procesos de aprendizaje cognitivo, como la atención, la memoria, la transferencia de conocimientos, etc. A partir de estos dos paradigmas desarrollaremos nuestro estudio en relación con la cuestión de la interlengua en la primera fase del aprendizaje del francés lengua extranjera (FLE). Como es sabido, en la primera etapa del aprendizaje de una lengua se destaca la competencia comunicativa como base para la adquisición de una lengua, y la atención y la memoria del alumno también juegan un papel primordial en el aprendizaje. Como metodología, aplicamos al estudio el análisis de ensayos escritos por alumnos en una situación de aula etnográfica. Los estudiantes generalmente pasan por una serie de etapas a medida que adquieren competencia, que es una fase importante del desarrollo del aprendizaje. Los errores interlingüísticos verificados no son intencionales, sino que representan intentos de comunicación por parte del alumno.

Palabras clave: interlengua; transferencias; interferencia lingüística; error en el aprendizaje de FL.

Introdução

Com este artigo pretendemos construir um campo de estudo sobre a interlíngua e nele analisaremos alguns factores relacionados a diferenciação de estruturas e formas entre a língua materna e/ou a língua segunda em relação a língua estrangeira (LE). Para lograr este objectivo, a descrição e a análise da língua segunda são caminhos metodológicos pertinentes para explicar a problemática da interlíngua dos aprendentes, onde iremos identificar e categorizar os casos de erros por interlíngua.

Sabe-se, no entanto, que um indivíduo adquire primeiro a sua língua materna no seu ambiente natural e familiar e, assim, a primeira língua irá influenciar a aquisição da língua segunda ou da LE. Esta tendência/aspecto observa-se durante a aprendizagem, onde a LM ou a L2 oferece elementos mais destacáveis que incorporam a produção escrita e oral dos aprendentes onde surgem estruturas deficientes, originais da interlíngua. Portanto, quando se fala de interlíngua refere-se a uma língua temporária que os aprendentes de uma segunda língua constroem, durante o processo de aquisição/aprendizagem. É uma fase de transição na qual os aprendentes utilizam estruturas e regras linguísticas da língua-alvo, mas também fazem transferências e aplicam regras da língua materna. A interlíngua origina um fenómeno que ocorre na aprendizagem de uma LE, onde os aprendentes atingem um estágio de desenvolvimento linguístico no qual apresentam erros persistentes que não são corrigidos, mesmo após a instrução apropriada numa primeira fase de aprendizagem. Esses erros fossilizam e são incorporados ao sistema linguístico do indivíduo de forma estável. Sendo assim, a nossa motivação nesta abordagem, tem a ver com a nossa linha de pesquisa em que buscamos respostas sobre como a LM/L2 influencia a aprendizagem do (F.L.E). A Língua materna (LM) do aluno constitui a maior parte desse conhecimento prévio, sendo a base pela qual a interlíngua poderá vir a desenvolver-se. Por conseguinte, na tentativa de se estabelecer comunicação, é normal e inevitável que venham a ocorrer erros que são considerados, por vários pesquisadores, como estratégias de comunicação ou manifestação natural de aprendizagem e que não correspondem a deficiência e ou inabilidade cognitiva. No decurso de aprendizagem de línguas existem vários factores que interferem de forma positiva ou negativa, como é o caso do factor língua materna, sociocultural, ambiental, motivacional, entre outras dimensões. Tratando-se de um estudo ao nível do ensino e aprendizagem de língua estrangeira (LE) num país multilingue e multicultural, onde a maior parte da população é de origem bantu, os factores arrolados são criticamente relevantes e podem determinar ou justificar as dificuldades inerentes no ensino e aprendizagem de línguas.

Aprendizagem de línguas

Importa referir que os alunos sujeitos a esta investigação uns têm a língua portuguesa como língua materna e, outros, como L2. O Francês aparece sendo uma língua estrangeira que é adquirida no ensino e que não tem o estatuto da L1 nem L2. Neste contexto, o Francês e outras línguas estrangeiras são influenciadas pela diversidade linguística existente no país.

Neste sentido, a aprendizagem do Francês numa primeira fase poderá gerar uma interlíngua, dado que, como defende Selinker, aprender línguas pressupõe o desenvolvimento de um sistema linguístico particular que é designado de interlíngua. Trata-se de um sistema mental híbrido que engloba o conhecimento linguístico prévio que se obtém através do contacto entre as línguas. Este sistema desenvolve-se desde o início da aprendizagem, no momento da tentativa de comunicação na língua que se está a aprender, e surge em todos os níveis de competência, Selinker (1972).

Relativamente ao convívio de línguas no mesmo espaço, Firmino (2008) refere que Moçambique é um país africano linguisticamente heterogéneo, onde coexistem várias línguas especialmente as línguas autóctones (regra geral, mais usadas na comunicação quotidiana, principalmente nas zonas rurais) de raiz bantu que são faladas pela maioria da população. Sendo assim, segundo o autor, o país possui muitas línguas de origem bantu ao longo de todo o território nacional. Para além das línguas autóctones, Moçambique tem a língua portuguesa com o estatuto de língua oficial (definida ideologicamente como símbolo de unidade nacional, devido à história e seu uso no país) e, como se sabe, a língua portuguesa (LP) é caracterizada também por manifestar variações linguísticas consideráveis. Portanto, pode perceber-se facilmente que a língua portuguesa não é somente uma língua de união e promotora da integração social, mas também é uma ferramenta que permite o progresso nacional, sendo-lhe reservado um papel de relevo no processo de aquisição do conhecimento “*multimodal*” que transcende a simples aprendizagem de uma língua, Firmino (2008).

Assim, por causa da situação linguística particular de Moçambique, no plano de ensino e aprendizagem de línguas nas escolas, verificamos que o mesmo ensino é marcado por factores de interferências originadas das línguas maternas e interferências de outras línguas aprendidas antes (como seja, nalguns casos, o Inglês) e, também, interferências originadas pelo contexto sociocultural envolvente, o qual pode fazer-se sentir no processo da aprendizagem do francês.

A interlíngua

Corder (1973) chama a este fenómeno de interlíngua como uma competência transitória ou dialecto peculiar (raro), e a respeito desta asserção, Selinker (1972) demonstra que a interlíngua pode acontecer entre línguas não-nativas que são criadas e faladas sempre que há um contacto linguístico, pois a interlíngua não é fixa, ela tem novas configurações, originais que se adaptam com o decorrer do tempo.

Partindo destas definições e de acordo com os autores anteriormente citados, podemos reafirmar que a interlíngua é uma espécie de língua mental (intelectual), criada de forma mais ou menos inconsciente por quem aprende, como consequência de “intervenção” da L1 ao aprender a L2, ou seja, a interlíngua está entre a L1 e L2.

Durante a aprendizagem de línguas estrangeiras, os alunos deparam-se com dificuldades que se manifestam como erros da interlíngua. A respeito disso, importa-nos referir que é na interlíngua onde ocorrem formas de transferências directas das estruturas, uma transferência de estrutura sintáctica da LM para LE. Na LM do aluno, a estrutura frásica, sendo (sujeito+ predicado + complemento) pode ajudar o aluno na sua produção daí que essa estrutura é, muitas das vezes, transferida para a língua alvo (LA).

Ellis (1997) define o fenómeno interlíngua como um sistema de transição de hábitos de outras línguas já aprendidas. Este sistema de transferência criado pelo aluno, durante o processo de assimilação de uma língua estrangeira, caracteriza-se por fenómenos de interferência da LM. Um dos casos verificados em estudo dos aprendentes de FLE é o caso da interlíngua e interferência sob efeito prejudicial no ensino de francês, numa primeira fase.

Os alunos quando procuram desenvolver estratégias de aprendizagem, que exigem criação de sistemas de regras que não se aplicam no Francês para resolver suas dificuldades, criam dessa forma uma interlíngua e interferências. Neste sentido podemos fundamentar com a visão de Klaus Voget (1995) que define interlíngua como linguagem que se forma num aprendente de línguas estrangeiras, quando este se depara com uma dificuldade na língua em que está a aprender.

Assim, na construção da interlíngua, há uma convivência entre a L1 e as outras línguas estrangeiras anteriormente adquiridas. A interlíngua, por sua vez, consiste em criar regras que não se aplicam nem à L1 e nem à L2, portanto, não é nenhum princípio. Face às dificuldades, o aprendente cria a interlíngua dentro do sistema linguístico do Francês, usando desta forma um sistema não correcto na avaliação do sistema francês.

Interferência linguística

Weinreich (1953) foi o primeiro a classificar os fenómenos de interferência que aparecem quando duas línguas entram em contacto. O autor define a interferência como casos de desvios às normas de qualquer idioma que ocorrem na fala de bilíngues por causa da sua familiaridade com mais de um idioma, isto é, por causa do contacto entre línguas”.

No entanto, às vezes, o segundo idioma já adquirido interfere, tanto positivamente quanto negativamente, no sistema de aprendizagem. Isso envolve a introdução de estruturas da língua já adquirida no modelo do novo idioma, dando origem a erros por interlíngua. Relativamente a esta situação, a interlíngua irá evoluir mediante um processo de complicação crescente em que, com o desenvolvimento da aprendizagem, o aluno passará por um outro processo de descoberta dos seus próprios erros. (nossa asserção)

De uma forma consciente ou inconsciente, os traços da LM são levados para a LE, principalmente quando há semelhanças nas duas línguas o aluno apoia-se mais na sua LM, e os erros, “normais” e vistos como “inevitáveis”, surgem como estratégias de comunicação, sendo a manifestação natural da aprendizagem que não corresponde à deficiência e ou à inabilidade cognitiva do aluno, SELINKER (1972).

Assim, podemos salientar algumas das causas da construção da interlíngua, são a convivência da L1 com as outras línguas estrangeiras que foram adquiridas anteriormente, a falta dos materiais de aprendizagem que não são prontamente disponíveis e avaliáveis para professores, o que constitui um grande desafio para alunos e professores; o currículo escolar com muitas disciplinas obrigatórias às quais os alunos são submetidos. O ambiente linguístico ao qual o aluno está exposto importa entre os principais desafios. A influência da LM, bem como a influência da L2 desempenham um papel importante, sendo que a interlíngua, por sua vez, consiste em criar regras que não se aplicam nem à L1 e nem à L2, portanto, não é nenhum princípio, mas sim uma dificuldade na aprendizagem onde quem aprende cria a interlíngua dentro sistema linguístico da língua alvo (LA), usando desta forma um sistema não correcto na configuração da língua em aprendizagem.

A influência da LM ou L2 nos aprendentes destaca-se em todos os níveis de aquisição do Francês, onde os aspectos lexicais, semânticos, gramaticais fazem um todo de deficiência na evolução de aprendizagem. Para além da forma de uso do francês, os alunos precisam de ter a proficiência de como usar a expressão na escrita e na fala. O uso das competências gramatical e comunicativa centra-se na aprendizagem de línguas, daí que a formulação de uma frase bem estruturada e aceite requer do aprendente uma boa proficiência no seu nível e aprendido.

A respeito desta asserção, Selinker (1972) demonstra que a interlíngua pode acontecer entre línguas não-nativas, que são criadas e faladas sempre que há um contacto linguístico, pois a interlíngua não é fixa, ela tem novas configurações, originais que se adaptam ao longo do tempo.

Assim, constatamos que a interlíngua e a interferência são dois elementos ou fenómenos diferentes e complexos. No nosso entender, um professor de línguas deve tomar em conta estes aspectos de modo a produzir estratégias de ensino que o ajudem a fazer entender ao aluno que a forma correcta de uma língua tem aspectos peculiarmente bem marcados e diferentes de uma outra língua. Este estudo apresenta como essência a base dos autores linguísticos que abordaram sobre a interlíngua na aprendizagem de uma língua estrangeira. Desta forma, passamos a citar alguns autores, cujas abordagens foram expostas e salientadas conforme as teorias.

Transferências

A transferência linguística é um fenómeno natural e esperado durante o processo de aprendizagem de uma nova língua. É importante entender que nem toda a transferência é negativa; ela pode ser uma ferramenta útil, especialmente quando as línguas têm semelhanças. No entanto, em alguns casos, a transferência linguística pode levar a erros ou interferências no idioma em aprendizagem. Selinker (1972) definiu a transferência linguística como um facto que ocorre quando há transferências de estruturas e regras da LM, onde surgem as transferências positivas ou negativas. Na mesma linha de ideias, Selinker (1983) aponta que existem dois tipos de transferências na aprendizagem de uma L2, **positiva** – a L1 facilita a aquisição da L2; e **negativa** – a L1 tem impactos negativos na L2, onde a L1 interfere na L2.

Transferência Positiva: segundo selinker (1983) este facto acontece quando elementos da língua materna contribuem de forma construtiva para a aprendizagem da nova língua. Por exemplo, para o aluno que fala a língua portuguesa e está aprendendo francês, a semelhança entre esses idiomas pode facilitar a aprendizagem de vocabulário e das estruturas gramaticais.

Transferência Negativa: esse tipo de transferência ocorre quando a língua materna influencia negativamente a aquisição da nova língua. Por exemplo, um falante de Inglês que está aprendendo Francês pode cometer erros na pronúncia devido à influência dos sons do inglês que não existem em Francês. Isso também pode ocorrer na gramática, com a aplicação de regras gramaticais da língua materna, que não são válidas na língua-alvo. As interferências não são somente originadas pela LM, mas também são promovidas da LE aprendizagem ou de outras línguas aprendidas antes pelo aluno. Quando o aluno não possui um conhecimento sólido da língua em aprendizagem, ele recorre aos saberes que ele adquiriu antes. A partir da análise do erro (AE) também foi possível notar que o erro pode surgir da própria língua materna onde o aluno comete o erro por falta de proficiência na sua LM.

O caso de estruturas semelhantes entre as línguas é também um factor que leva o aluno a cometer erros na tentativa de aplicar-se na LE. (casos de PT para FR). Neste caso haverá um registo de transferências ao nível de estruturas das línguas. A compreensão das semelhanças e diferenças entre línguas pode facilitar a aprendizagem de uma língua estrangeira, uma vez que os aprendizes podem aproveitar suas estruturas linguísticas já conhecidas para entender e internalizar novos padrões.

Por sua vez, Santos Gargalho (1993) afirma que a linguística Contrastiva (LC) propõe um tipo de investigação baseado na comparação de duas ou mais línguas. Neste sentido, a LC faz parte da linguística aplicada (LA) e estuda o contraste semelhante de dois ou mais sistemas linguísticos. Num estudo sobre análise de estruturas de duas línguas, o contraste entre as línguas irá influenciar numa transferência negativa e, se a estrutura entre as línguas for semelhante, irá ocorrer uma transferência positiva e esta poderá auxiliar os alunos na aprendizagem. Quando voltamos à definição de Gargalho, segundo a qual os hábitos da LM facilitam a construção da L2, encontramos os erros de transferência de estruturas da LM para a LE. A esse respeito, FIGUEREDO (1997), no estudo que fala sobre a ocorrência de transferências de estruturas sem a distinção do vocábulo, do léxico na LM em relação à LE, devido a semelhanças de estruturas. Conforme a definição do Gargalho, que refere sobre os hábitos da LM facilitam a construção da L2, aqui encontramos os erros de transferência de estruturas da LM para a LE.

As interferências não são somente originadas pela LM, mas também são promovidas da LE em aprendizagem ou de outras línguas antes aprendidas pelo aluno. Quando o aluno não possui um conhecimento sólido da língua em aprendizagem, ele recorre a ao saber anterior. Como já referimos, com a análise do erro, (AE) também registou-se que o erro pode surgir da própria língua materna onde o aluno comete um erro por falta de proficiência na sua LM.

Erro na aprendizagem de língua estrangeira

Quando se trata de aprendizagem de uma LE, há sempre implicações de cometimento de erros, os quais são vistos como indicadores do estágio de aquisição por parte de quem é exposto a aprender.

Desta forma, ao se abordar a questão sobre análise de erro, temos que ter em mente de que analisar um erro é uma das formas de avaliar o empenho do aprendente. Com a análise de erro, podemos avaliar a evolução do ensino e aprendizagem (EA) a partir de um exame de erros em que pode se destacar o ponto mais comum da deficiência dos alunos. Portanto, consideramos

a análise de erro como um dos instrumentos necessários e eficazes que pode auxiliar o professor ao exercer a sua função de ensino de línguas e outras matérias.

Na turma, o professor deve acompanhar os seus alunos de forma grupal e, também de forma individual, onde a sua reflexão na base de erros cometidos poderá auxiliar nas diferentes formas de tratar o erro ou a dificuldade registada no processo de aprendizagem.

Nesta linha de ideias, o linguista Corder (1967) considere que cometer erro é uma estratégia que faz parte da aprendizagem, tanto para as crianças que adquirem a sua LM, assim como para um indivíduo que aprende uma L2.

Para o autor, a análise de erro tem como objectivo principal identificar os erros e classifica-los segundo a sua categoria gramatical, para depois se estabelecer a sua frequência e as suas causas. Este objectivo busca remediar ou criar condições de reduzir o erro no ensino de línguas. Neste sentido, é de salientar que na análise contrastiva (AC), para a análise de erro (AE), as interferências não são somente originadas pela LM, mas provenientes da LE em aprendizagem ou de outras línguas aprendidas antes pelo aluno. Quando o aluno não possui um conhecimento sólido da língua em aprendizagem, ele recorre ao saber que adquiriu antes. Com AE também se registou que o erro pode surgir das próprias línguas maternas, onde o aluno comete um erro por falta de proficiência na sua LM. Para o linguista Chomsky (1978), o erro passa a ser visto como a não internalização das regras da língua alvo, diferenciando desta forma da teoria behaviorista. Chomsky, no seu estudo baseou-se na distinção entre competência e o desempenho e salientou que nem todo o equívoco que o aprendiz comete faz parte da LE, sendo que pode não ser considerado como erro. Chomsky defende a existência de erros que não são significativos no estudo, mas que são erros que se consideram assimétricos, pois não obedecem a nenhuma regra e são decorrentes de falhas de aspectos cognitivos (memória) do aluno. Por sua vez Corder (1984) afirma que esses erros são aleatórios ao desempenho e são também chamados de erros recorrentes em falantes nativos da LE.

Assim sendo, não podemos considerar esses erros como resultantes de um ensino e aprendizagem, mas como resultado de um ensino inapropriado ou deficiente, contudo sem tomar em conta os que fazem parte do processo de aprendizagem da uma LE. A busca de razões do cometimento de erro na aprendizagem de LE primeiro requer uma compreensão global de que numa aprendizagem, qualquer que seja ocorrerá erros no seu início. O indivíduo que é exposto a aprender, confrontado com dificuldade de ordem linguística, a falta de conhecimento da matéria e na aplicação correcta das regras gramaticais, é lógico que ele irá buscar várias

estratégias a fim suprir a sua necessidade de comunicação, daí que as estruturas da sua LM irão se reflectir na LE.

Em termos de análise, diremos que essas estruturas erradas são a tentativa de aprendizagem da L2/LE. Alinhando na nossa perspectiva de análise, segundo Selinker (1972), as ocorrências de generalização de regras da LA, aparecem quando o aprendiz se aplica em vários contextos e de forma diferente da variante padrão da LA, sendo que uma regra já aprendida pode incorrer em erro na aplicação da mesma regra. Com efeito, alinhados na observação de Selinker, podemos salientar que as interferências linguísticas podem não ter influência da LM, mas podendo surgir da própria LA. Depois de ter estudado esta regra, o aluno pode passar a generalizar a conjugação dos verbos, fixando-se nesta regra para os verbos regulares e irregulares.

O aluno cria as suas próprias regras sendo estratégias ou mecanismos para suprir a necessidade de se comunicar na LE. Ele recorre ao conhecimento já adquirido na própria LE e, também verifica-se a indução de novas regras a partir das já estudadas. Relativamente a esta análise, Taylor (1975), observando a ocorrência de erros dos aprendentes da LE, havia averiguado o uso de estratégias de transferências em LE, o aprendente recorria generalização directamente proporcional ao conhecimento da LE e ao recurso da transferência, sendo inversamente proporcional.

Outro aspecto muito crucial observado da dificuldade na aprendizagem da LE é a situação da linguagem que envolve a interacção entre o professor e o aluno. Além dos aspectos linguísticos, o respeito pelo registo particular de língua, que requer atenção aos factores sociais, e do lugar em que a língua é usada.

Portanto, são vários os factores que podem levar o aluno a cometer erros, daí que na perspectiva do EA, o erro deve ser visto como forma de procura de proficiência, pois as razões e as consequências do erro devem ser tratadas como lapsos ou falhas a um determinado nível em que pode causar desvios ou má compreensão na fala ou na escrita.

Pressupostos teóricos

O nosso estudo é baseado na investigação de Selinker (1972) sobre o conceito **da interlingua (IL)** na sua análise em que estabeleceu a ideia de que os aprendentes de uma língua estrangeira formavam um sistema linguístico particular baseado na língua materna (**LM**).

Nos estudos efectuados por Selinker (1972) na sua teoria sobre aprendizagem de línguas que mostra sobre a influência do aprendente na activação de estrutura psicológica oculta, quando tenta produzir ou entender um enunciado na LE. Baseados também nos mesmos estudos, Ellis (1997) aborda sobre a interlíngua como um fenómeno que pode ser entendido como um sistema de transição de hábitos de outras línguas já aprendidas. Esta posição, no nosso entender, converge com o que os autores Selinker (1972) e Corder (1967) defendem com base nas teorias de análise de erro de interlíngua. A partir deste estudo evidenciou-se que os erros mais frequentes eram originados pelas transferências dos elementos produzidos ao nível do léxico, da sintaxe, da fonética, ou seja, de forma geral, na gramática do idioma-alvo.

Segundo Selinker (1972), as pessoas criam a interlíngua quando tentam expressar significados numa L2. A interlíngua é altamente estruturada e contém formas novas e originais. A interlíngua é conhecida como um sistema linguístico utilizado pelo aluno durante a aprendizagem da língua estrangeira. O aluno recorre a esse sistema de aproximação para se exprimir na LE. Assim, querendo usar a gramática da LE, recorre à gramática da LM.

A respeito desta asserção, Selinker demonstra que a interlíngua pode ocorrer entre línguas não-nativas que são criadas e faladas sempre que houver um contacto linguístico, pois a interlíngua não é fixa, ela tem novas configurações, originais que se adaptam ao longo do tempo.

Selinker, Mc Laughlin e Ellis, (1969-1972) abordaram sobre vários aspectos na aprendizagem da L2, onde Selinker (1972) definiu a interlíngua como conceito que referente ao conhecimento sistemático que um indivíduo possui da L2, o qual é independente da L1 e da L2. Ainda com base nos estudos de Adjemian (1976) *apud* Ortotiz Alvarez (2002), sobre abordagem da interlíngua como uma língua natural que possui uma gramática permeável fabricada pelos aprendentes, quando estes transferem elementos gramaticais da primeira língua para a língua-alvo com a intensão de se comunicar. Por sua vez Leo Van, L. (1988) sublinha o conceito da interlíngua como sistema próprio que revela regularidades autónomas e que corresponde a um nível intercalado entre os sistemas de L1 e L2.

Besse *et* Porquier (1991) referem que o estudo da interlíngua correspondente a um conhecimento e utilização não nativa de qualquer língua por um sujeito nativo ou não nativo. Neste sentido, a interlíngua é tida como um sistema diferente da L1/ L2 e da LA. Gargalo (1993) afirma que a semelhança de formas entre as línguas pode ser benéfica nas primeiras fases de aprendizagem, por falta de elementos linguísticos da LE, mas, que por outro lado, este facto pode-se transformar num hábito difícil de ser eliminado e tornar-se como uma forma errónea.

O estudo da interlíngua dos aprendentes de Francês como língua estrangeira envolve uma variedade de metodologias e abordagens de pesquisa. A escolha da metodologia depende do objectivo da pesquisa e das questões específicas que pretendemos responder. Para o efeito nesta pesquisa, a metodologia envolveu a colecta de textos produzidos por alunos para uma suposta análise de erros linguísticos, que marcam a interlíngua. Desta feita, optamos por uma colecta de enunciados escritos por aprendentes na sala de aula presencial.

Crítérios Metodológicos de Análise e descrição

Num contexto etnográfico de sala de aula de aprendentes da 11^a classe, compreendidos entre 16 e 17 anos, solicitamos 10 informantes dos quais foram submetidos à redacção escrita em Francês, com o objectivo de identificar e analisar a ocorrência da interlíngua originada pela transferência e interferência. Dos 10 seleccionados 50% fizeram parte do estudo, portanto optamos por uma pequena amostra.

Corpus produzido

Escreve uma frase em que o verbo esteja flexionado no presente do indicativo.

1. **Ele espèrez la mere.** (produção do aluno). **Elle attend sa mère.** (Forma correcta).
2. **Hugo parlé avec l'ami.** (produção do aluno). **Hugo parle à son ami.** (forma correcta).
3. **Je voyager de taxi.** (produção do aluno). **Je voyage en táxi.** (forma esperada).
4. **Ills jougam la football.** (produção do aluno/ pronome sujeito que não existe na LE, verbo não correcto, determinante "la" não correspondente). **Ils jouent le football.** (forma correcta).
5. **Je ne sui pá espanhole.** (produção do aluno /forma incorrecta). **Je ne suis pas espagnol.** (forma correcta).

Ao analisarmos os aspectos sobre erros aqui ocorrentes, podemos nos apoiar em Selinker quando diz que os aprendentes criam um sistema linguístico particular partir a LM e da LE. Este aspecto faz leva à fossilização, fenómeno também estudado pelo Selinker, onde referiu que é um aspecto a ser considerado na discrição da interlíngua, como um processo pelo qual a interlíngua do aprendente pode ser percebida como um caso de transferências negativas que se torna permanente de uma regra ou de um conjunto de regras que não existem na LE e ou na LM do aprendente, como é no caso que aqui registamos no corpus formado pelos alunos.

Para a formação do corpus da 12^a classe, a partir de um exercício de escrita, para exactamente se explorar o contexto de sala de aula, colhemos uma série de enunciados no seio de uma turma, composta por aprendentes dos seus 17 a 21 anos de idade. Seleccionámos vinte

(20) aprendizes para o estudo (a nossa mostra) e, destes, 25% dos enunciados foram usados para fazer o estudo da interlíngua.

Ao analisarmos as frases criadas pelos aprendentes os exemplos de ocorrência de alguns casos de interlíngua (e/ou de invenções dos alunos), constatámos o uso criativo de estruturas que não são nem da LM nem da LA. Vide a seguir os exemplos obtidos:

Corpus produzido por alunos

Escreva em Francês cinco frases em que os verbos estejam flexionados no pretérito perfeito.

- **J'ei parlere Maria.** (produção do aluno, forma não correcta do verbo auxiliar, o particípio passado do verbo "parler" não aceita em francês, omissão da preposição à : *J'ai parlé à Maria*). *Falei com a Maria.*
- **Je bug de l'eau.** (produção do aluno, forma não correcta do verbo principal e sem o verbo auxiliar). Forma correcta: *J'ai bu de l'eau*). *Bebi água.*
- **Ma soeur étudier historira d'Afrique.** (produção do aluno, forma não correcta /frase com sentido fora da estrutura da Língua alvo). Forma aceite: **minha irmã estudou história de África**)
- **Tu as arriver à tô,** (forma não aceite) / forma esperada (**Tu es arrivé tô**), selecção errada do verbo auxiliar, verbo principal na sua forma infinitiva e influência fonológica do advérbio .
- **Vous étudier lo anglais?** forma esperada (**vous avez étudié l'anglais?**), influência de forma fonológica e frase com ausência do verbo auxiliar.

Quanto à posição dos verbos no pretérito perfeito, os aprendentes produziram formas não validadas e não aceites em FLE. Eles empregaram estruturas próximas do pretérito perfeito do francês e que não correspondem a forma correcta.

Análise e resultados

Os resultados desta pesquisa, por sua vez, demonstraram que a interlíngua é única para cada aprendente, isto é, cada aprendente apresenta seus erros instáveis, sendo uma interlíngua moldada por sua língua materna e inventada, quando o aprendente procura pelas estratégias de comunicação. O resultado deste estudo, depois da identificação e análise dos padrões de erro, destacou-se que as transferências negativas e construções híbridas, ocorrência de omissões e acréscimos de vogais e consoantes nas estruturas de algumas palavras, invenções de léxico não

aceites na língua francesa, estruturas verbais não correspondentes, são elementos típicos da interlíngua, sendo estes aspectos observáveis num estágio intermediário no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.

A compreensão desses resultados sugere que os professores, educadores e pesquisadores tomem decisões informadas sobre como adaptar o ensino para atender às necessidades individuais dos alunos. A partir deste estudo, podemos observar que o aprendente quando é exposto a um *input*¹ linguístico elevado manifesta dificuldades de aprendizagem, facto exacerbado² quando existe uma certa similaridade entre as duas línguas e, daí, que surge a interlíngua que leva à fossilização.

Este aspecto da fossilização é definido por Selinker (1972) como sendo *itens*, regras e subtemas linguísticos que o falante manterá em sua interlíngua. A fossilização originada pela interlíngua ocorre quando os erros linguísticos cometidos durante a fase da interlíngua se tornam permanentes e não são corrigidos. Isso pode acontecer por diversos motivos, nomeadamente falta de exposição adequada à língua-alvo, falta de prática e feedback insuficiente dos professores ou do ambiente de aprendizagem.

Como salienta Gargalo (1993), as semelhanças entre duas línguas podem ser benéficas numa primeira fase de aprendizagem, sendo que esta etapa o aprendente não possui muito vocabulário na LE, daí que registamos que a insuficiência do conhecimento linguístico em LE e havendo proximidade entre as duas línguas, há possibilidade de uso de estruturas da LM.

Para Selinker (1972), a fossilização pode afectar diferentes aspectos da língua, como pronúncia, vocabulário, gramática e uso adequado das estruturas linguísticas. Os erros fossilizados podem tornar-se hábitos difíceis de serem corrigidos, mesmo com aprendizagem complementar e, para este autor, as possíveis causas da fossilização são cinco (5) processos psicolinguísticos que estabelecem o comportamento da interlíngua.

1. A **transferência linguística** por semelhança das línguas, que ocorre quando os idiomas apresentam a mesma estrutura;
2. A **transferência de treinamento**, que ocorre quando os elementos da fossilização são o resultado da influência do material didáctico e da metodologia usada pelo professor;

¹ *Input*: Refere-se aos dados linguísticos que um aluno recebe durante o processo de aprendizagem de uma língua. Pode ser na forma de texto escrito, conversas orais, materiais de áudio ou qualquer outra forma de exposição à língua-alvo. O *input* desempenha um papel crucial na aquisição da linguagem, pois fornece ao aluno exemplos autênticos da língua, permitindo a assimilação e internalização das regras e padrões linguísticos.

² "Exacerbado" refere-se a algo que está além do normal, exagerado, intenso ou agravado. É um termo usado para descrever situações, comportamentos, emoções ou condições que ultrapassam os limites usuais ou aceitáveis. Neste caso do estudo da interlíngua refere-se a regras não aceites na construção de enunciados da LE.

3. **Estratégias de aprendizagem** da LE, quando o aluno procura reduzir a língua alvo (LA) a um sistema mais simples;
4. **Estratégias de comunicação** na LE, quando o aluno usa formas conhecidas para se comunicar na LE, e não tendo o vocabulário suficiente para se expressar (na nova língua);
5. A **caracterização do material linguístico** da LE, quando o aluno generaliza as regras e aspectos semânticos da LE.

Tendo em atenção os processos indicados por Selinker, diremos que a interlíngua possui as suas próprias regras, e é lógico que ela não estará de acordo com as da LE, mas vão sugerir suas regras típicas. Os aspectos focalizados são considerados por Selinker, como elementos-chave não descartáveis que acompanham o processo de aprendizagem. Para Cruz (2004) a fossilização é uma produção desviada da língua-alvo que se fixa na etapa de estabilidade da interlíngua daquele que aprende. A fossilização pode caracterizar-se pelo aparecimento de estruturas inadequadas figuradas (ou analisáveis) como erros. Este autor, ainda, argumenta que a fossilização pode ser dada (ou interpretada) como marcas de instabilidade, enfatizando a possibilidade de superação, através do esforço e dedicação do aluno. Cruz salienta que a atitude positiva ou negativa por parte do aluno está relacionada com a motivação que este aluno pode empreender no processo de aprendizagem. Corroborando com este autor, podemos sublinhar que a motivação é um dos elementos básicos para que a aprendizagem seja eficaz, permitindo que o desenvolvimento de habilidades na nova língua seja célere e concorra para a formação de uma competência desejada.

Para evitar ou minimizar a fossilização, sugerimos que é importante oferecer aos aprendizes um ambiente de aprendizagem rico e interactivo, com exposição frequente à língua-alvo, prática intensiva e *feedback*³ constante. Além disso, é fundamental que os aprendentes estejam cientes dos erros que cometem e sejam incentivados a trabalhar na correção e aprimoramento contínuo de suas habilidades linguísticas. Pois, constatámos que a interlíngua e a interferência são dois elementos ou fenómenos diferentes e complexos. No nosso entender, um professor de línguas deve ter em conta estes aspectos, de modo a elaborar estratégias de ensino que o ajudem a mostrar ao aluno que a forma correcta de uma língua tem aspectos peculiarmente bem marcados e diferentes de uma outra língua.

³ *Feedback*: É a informação ou retorno fornecido a um indivíduo sobre seu desempenho ou comportamento. No contexto da aprendizagem de línguas, o *feedback* é geralmente dado controlado pelo professor.

Propostas didáctico-pedagógicas para os professores

Em função dos problemas detectados e decorrentes da interlíngua e das interferências na aprendizagem do Francês, destacamos algumas propostas didácticas e pedagógicas com vista a que os professores estejam em condições de fazer face aos problemas específicos a seguir indicados.

Em relação à posição do infinitivo e do particípio passado na língua francesa: Através de uma forma sistemática, o professor deve mostrar que o infinitivo de um verbo é diferente de um particípio passado. O professor pode elaborar um quadro-resumo para elucidar a sua explicação, segundo a qual o infinitivo e o particípio passado são duas categorias verbais específicas. Assim, os alunos poderão aplicar-se da melhor forma e o professor, por sua vez, pode propor aos mesmos a utilização de livros de conjugação de verbos em francês (Becherelle ou gramáticas), de modo a completarem o quadro de fixação fornecido pelo professor. Os exercícios complementares podem ser feitos em casa como uma actividade de verificação.

Em relação ao acordo do sujeito – verbo para nomes e expressões de conteúdos colectivo: No caso particular apresentado no artigo, descreve-se a situação de um público de alunos de um país multilingue, cuja situação e caracterização pode ser equiparada a de vários contextos sociais que podem apresetar as mesmas dificuldades. Neste situação, o professor devia dar exemplos em português para mostrar aos alunos que em Francês, o verbo para nomes e conteúdos colectivos conjuga-se na 3ª pessoa do singular.

Em relação ao pretérito perfeito forma verbal composta: O professor deve explicar aos alunos que o pretérito perfeito em Francês é uma forma verbal composta por dois verbos, onde consta o verbo principal e o verbo auxiliar, conforme se indica:

Passé Compsé = Auxilaire (être ou avoir au present) + participe passé du verbe principal: Cabe ao Professor explicar que o pretérito perfeito não pode ser formado a partir de um sujeito seguido pelo verbo a ser conjugado, como se regista nas produções de muitos alunos. O professor deve fazer compreender aos alunos, como deve ser feita a escolha correcta do auxiliar (être ou avoir) e explicar como se emprega o auxiliar escolhido na estrutura frásica.

Em relação à escolha do auxiliar: A escolha do auxiliar é uma das maiores dificuldades apesentadas pelos alunos. Normalmente, estes demostram erros causados pela falta de assimilação da regra da escolha do verbo auxiliar nos contextos discursivos da língua francesa. Neste sentido, o uso do verbo auxiliar (être) requer o acordo do sujeito com o particípio passado sendo, portanto, muito pertinente que o professor tome em conta este aspecto de forma a ilustrar

a prática com recurso a exemplos que possam ser úteis, para a fixação dos conteúdos por parte dos estudantes.

Conclusão

Neste estudo, exploramos sobre a interlíngua dos aprendentes na aprendizagem do francês, língua estrangeira. Ao analisarmos as teorias, paradigmas, metodologias e resultados relacionados à interlíngua, detivemos aspectos abrangentes que os aprendizes enfrentam durante o processo de aprendizagem do (F.L.E). Sublinhamos que a interlíngua é muito mais do que uma fase intermediária na aprendizagem de uma LE; ela é um reflexo dinâmico da mente de quem aprende e procuram comunicar-se na LA. As teorias de transferência linguística e fossilização foram bases deste estudo onde analisamos os desafios que os alunos enfrentam, desde erros de transferência até a persistência de padrões de erro.

Os diferentes paradigmas de pesquisa nos mostraram a complexidade da interlíngua, desde a análise estrutural até a consideração dos factores cognitivos, contextuais e individuais que moldam sua evolução. Compreendemos que não existe uma abordagem única para estudar a interlíngua, mas uma combinação de métodos que revelam sua natureza em vários casos. A Hipótese do estudo concretiza que a interlíngua é um estágio intermediário de desenvolvimento linguístico que reflecte o avanço do aluno face à proficiência na língua alvo. A influência da LM confirma a existência de aspectos considerados intrínsecos na formação da interlíngua de alunos, aprovada assim a hipótese deste estudo que configura sobre a existência de semelhança de estruturas e proximidade entre as duas línguas. Os resultados indicam que a interlíngua é moldada pela língua materna do aluno no contexto de aprendizagem, onde na motivação e na busca de estratégias individuais aparece a ocorrência de dificuldades que levam ao erro. A compreensão desses resultados permite que educadores e pesquisadores tomem decisões informadas sobre como adaptar o ensino para atender às necessidades individuais de quem está no processo de aprendizagem de língua estrangeira.

Em última análise, este estudo ressalta a importância de reconhecer e tomar em consideração a complexidade da interlíngua. Portanto, a interlíngua não deve ser vista apenas como uma fase intermediária no aluno, mas como um fenómeno dinâmico que merece nossa atenção e compreensão. Ao fazê-lo, podemos aperfeiçoar nossas práticas educacionais, ajudar os alunos a ultrapassar desafios e permitir que eles aprendam com sucesso e tenham uma proficiência em LE. A interlíngua, em última análise, é a manifestação de coragem e da firmeza de quem está em aprendizagem.

Referências

- Adjemian O. (1976), on the nature. Of interlanguage system. In Language Learning.
- Alvarez Maria L (2002), Transferência, a interferência, e a interlíngua no ensino de línguas próximas. Na. 2 conger bras. H.
- Beveniste, E. (1974). *Problème de Linguistique Générale*. II Editions Gallimard, REVER.
- Besse, H Porquier R (1991), Grammaire et didactique des langues. Paris. Hattier, coll. LAL.
- Canale, M. e Swain, M. (1980). *Theoretical Bases of Communicative Approches to Second Language Teaching*. Applied Linguistics.
- Corder, (1967); The Significance of Learner's Errors; International Review of Applied Linguistics v: p.161-169.
- Corder (1988- 1999), Error Analysis and interlanguage. London: Oxford University Press.
- Corder, S. (1967 - 1980) *Signification of Learners: Error, Error. Analyses Perspectives on Second Language Acquisition*. London: Longmen Group Limited.
- Cruz, M, I. O, B (2001) Do dinamismo à fossilização. In: Estágios de interlíngua: estudo longitudinal centrado na oralidade de sujeitos brasileiros aprendizes de espanhol. Tese de Doutorado. Campinas.
- Ellis, R (1997) Second Language Acquisition. New York : Oxford University Press.
- E, Rod; (1995); Understanding Second Language Acquisition; Oxford: Oup
- Gargalo (1973) Análisis Constrastivo, Analisis de Errores e Interlíngua em El Marco de la Lingüística Constrastiva. Madrid: Ed.Sintesis.
- Klaus, V. (1995). *L'Interlangue, La Langue De L'apprenant*. Traduit De L'allemand Par Jean-Michel Broche Et Jean-Paul Confais. Toulouse: Pum.
- Krashen, S. (1982). *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. Oxford: Pergamon.
- Leo Van (1988), The classroom and the language learner, London. Longman.
- López.I.S. F (1991) Analisis de errores e interlíngua en el aprendizaje del Espanol como língua extranjera. Col.Tisis, u. com plutense. Madrid.
- Porquier, R (1977) L'analyse des erreurs. Problemes et prespective. Études de linguistique Appliquée.
- Selinker, Larry; (1972); Interlanguage International Review of Applied Linguistics; V.10; p.209-232.

Selinker. L. (1972) Interlanguage. In Richards, J. Error Analyse.

SOBRE A AUTORA:

Jamila Rahima Nhaca. Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Eduardo Mondlane de Maputo (UEM) – Moçambique. Investigadora na área de línguas francesa e portuguesa.

Como citar

NHACA, Jamila Rahima. O estudo de interlíngua na aprendizagem do Francês Língua Estrangeira (F.L.E) na Escola Secundária de Lhanguene em Maputo. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 3, e14834, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v3.14834>.